



# As descobertas da América/Brasil

ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES

Carta de navegar per lo sole nouam in  
in le parte de l'India: dono Alberto Cantino  
Al. 2. duca ferale.



# D O S S I Ê

Com a aproximação do 5º centenário da viagem de Cristóvão Colombo, em 1992 e, logo mais, da de Pedro Álvares Cabral, já está aberta a temporada de caça. Caçadores e presas, porém, se alternam, quer se pretenda comemorar a epopéia civilizadora européia (e principalmente ibérica), quer se tragam à tona os ressentimentos que sua brutalidade e funestas heranças provocaram. Por outro lado, estão previstos balanços científicos, em congressos, exposições, publicações — cuja decantação será, sem dúvida, lenta e trabalhosa.

Um dos caminhos para não se deixar envolver pelas tramas do dilema e, sem almejar balanços exaustivos, projetar alguma luz sobre o problema é retirá-lo da camisa-de-força que o aprisiona nos séculos XV-XVI e tomar o conceito de "descobrimto", genericamente, como construção de objeto novo, que altera significativamente os sistemas vigentes. Nessa linha, o projeto da exposição "As descobertas da América/Brasil", que o Museu Paulista da USP apresentará em 1992, fornece sugestões para cortes que multipliquem os horizontes de compreensão do fenômeno, incluindo o que ele tem a ver conosco, aqui e agora, não só num quadro amplo de América, mas, em particular, de Brasil (esse esquema foi aproveitado neste dossiê).

Oito segmentos podem ser considerados. *O primeiro descobrimto do Brasil* diz respeito à construção de um objeto empírico, físico, concreto: a construção original do território americano e "brasileiro". Os dois segmentos seguintes, complementares, tratam da construção de um objeto ontológico, o "outro": *Os europeus descobrem a América; Os aborígenes descobrem o europeu*. O quarto segmento, *A descoberta da África e o Brasil descoberto*, refere-se à construção funcional do outro — agora reduzido à escravidão. *O Velho Mundo descobre a América no Brasil* trata de um objeto imaginário, na ótica do imigrante europeu. *O capital descobre a mãe gentil* toma a expansão capitalista como constitutiva da nova era dos descobrimtos. O sétimo segmento, *A cultura brasileira descobre o Brasil*, cuida, de novo, de um objeto imaginário: a "invenção" erudita do Brasil.

Um oitavo e último segmento (*O presente: a reversão dos descobrimtos. O futuro: uma redescoberta possível?*) traduz o refluxo dos anteriores e introduz o problema, contemporâneo, do "des-descobrimto" do Brasil e do Terceiro Mundo e as projeções possíveis.

O texto relativo ao sexto segmento, infelizmente, não chegou a tempo para publicação. Para não romper a estrutura, foi substituído por um poema que lhe marca a respectiva significação.